



Revista Estudos Feministas

ISSN: 0104-026X

ref@cfh.ufsc.br

Universidade Federal de Santa Catarina
Brasil

Ferreira, Vinicius Kauê; Grossi, Miriam Pillar
Teoria queer, políticas pósPornô e privatização da sexualidade: uma conversa com Marie-Hélène
Bourcier
Revista Estudos Feministas, vol. 22, núm. 3, septiembre-diciembre, 2014, pp. 913-928
Universidade Federal de Santa Catarina
Santa Catarina, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=38132698011>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

Teoria queer, políticas pós-pornô e privativação da sexualidade: uma conversa com Marie-Hélène Bourcier

Vinicius Kauê Ferreira

Universidade Federal de Santa Catarina

Miriam Pillar Grossi

Universidade Federal de Santa Catarina

Entre junho e agosto de 2014, Marie-Hélène Bourcier esteve no Brasil participando de inúmeras atividades na Universidade Federal de Santa Catarina, além de ter visitado instituições no Paraná, no Ceará e na Bahia. A presente entrevista foi realizada em 7 de julho, no Bar do Arantes, um tradicional restaurante da praia do Pântano do Sul, em Florianópolis, onde barcos de pescadores podiam ser vistos ancorados na praia por ser um dia de muito vento. Em meio a um cenário tradicional da Ilha de Santa Catarina, acompanhadas/o de cachaça artesanal e pratos da culinária açoriana, conversamos sobre inúmeros temas relativos à sua formação intelectual e à sua trajetória pessoal e profissional. Trazemos aqui algumas destas reflexões.¹

Marie-Hélène Bourcier formou-se em Filosofia na Ecole Normale Supérieure, fez doutorado em Sociologia na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales em Paris e é atualmente professora na Université de Lille 3 (França), onde se dedica a reflexões inovadoras no campo da teoria queer. Ao explorar temáticas como o pós-pornô e as práticas sadomasoquistas, ela não apenas atualiza o debate no campo do feminismo pró-sexo, mas propõe ainda uma nova compreensão da teoria queer. Marie-Hélène Bourcier busca a construção de uma teoria queer mais ligada às práticas sexuais, opondo-se a algumas

Copyright © 2014 by Revista Estudos Feministas

¹Agradecemos a participação de Daniela Novelli na entrevista.

correntes teóricas *queer* que estão mais atreladas à linguagem e à performatividade. Nesse sentido, para ela, ao relegar a sexualidade ao segundo plano e negar a importância das políticas da identidade, que nascem no seio do que ela chama de “subculturas”, a teoria *queer* perderia de vista uma articulação necessária com a vida quotidiana das pessoas que estão diretamente implicadas em suas formulações.

² Marie-Hélène BOURCIER, 2001.

Mirlam Pillar Grossi (MPG): Qual você considera o seu primeiro trabalho? Seria *Queer zones 1*² ou há algo anterior a este livro que tenha marcado o início de sua carreira?

Marie-Hélène Bourcier (MHB): A carreira tardia das feministas... Mas sim, eu acho que é preciso começar por *Queer zones 1*.

MPG: *Queer zones 1* é uma coletânea de artigos publicados anteriormente em revistas?

MHB: Não, eu não havia publicado nenhum texto daquele livro, talvez alguns textos próximos. Mas o que eu acho interessante explorar nesse livro é o título *Queer zones*, que eu considero um bom achado, porque eu não queria fixar as coisas, então essa noção de zonas foi uma boa ideia. E a publicação dele veio de um encontro com Guillaume Dustan, um escritor gay, muito bom, que convidamos a participar de alguns seminários do ZOO na Université Sorbonne-Paris 1.³ Ele tinha feito três livros – *Je sors ce soir*, *Dans ma chambre* e *Plus fort que moi* – que eram bastante sadomasoquistas, gays, com um personagem gay que afirma gostar dos *ghettos*, que fala muito do BDSM, de técnicas sexuais, de drogas e de música. Antes disso, não houve nunca esse tipo de literatura identitária na França. E Guillaume Dustan, naquela época, organizava uma coleção pela editora Balland, que tinha como diretor um personagem socialista, boa pessoa. Como estávamos num momento de grande produção e tínhamos a preocupação de traduzir autoras, buscamos traduzir algumas coisas, como Butler, Sedgwick e Halperin, mas sempre ouvíamos “não” por razões editoriais diversas. Então ele cria uma coleção chamada *Le rayon gay* [A prateleira gay], que depois se torna *Le rayon* apenas – sendo ele obrigado a retirar “gay”, mesmo nós já estando nos anos 2000. E apesar de haver vários livros não tão bons e outros *straight*, conseguimos publicar Monique Wittig, Beatriz Preciado e o meu *Queer zones*, que é um compêndio de textos de seminários que eu ministrei. Eu não queria fazer um livro orgânico, à la *française*, mas algo mais próximo do modelo anglo-saxão. E ele é importante sobretudo em razão do primeiro capítulo, porque dá vazão à reflexão sobre o pós-pornô, que é central para mim. É verdade que não foi eu quem criou o pós-pornô, mas eu não gosto de ser excluída dele, como tem acontecido recentemente, por parte de algumas pessoas com as quais produzi e colaborei, infelizmente.

MPG: E o livro teve boa circulação na época? Como você vê o seu reconhecimento no campo queer a partir desse livro?

MHB: Sim, vendeu bem. Quanto ao reconhecimento, eu não o vejo. Bem, eu debato com as pessoas, mas eu não vejo grande reconhecimento; ao menos não de modo que eu seja conhecida por todos. O livro vendeu bem na primeira edição e depois o reeditamos quando *Queer zones 2 - Sexpolitiques*⁴ foi publicado.

⁴ BOURCIER, 2005.

Vinicius Kauê Ferreira (VKF): Você frequentemente relata certa resistência em relação ao seu trabalho, seja na Université de Lille, seja no campo acadêmico em geral. Mas você também diz que os livros tiveram boa vendagem. Quem é então o seu público leitor?

MHB: Há as ativistas, as sapatões, as trans... E grande parte delas quer ir à universidade, ou estão na universidade. Há muitas estudantes também.

VFK: E entre ativistas e grupos de militantes, houve boa reação ao seu livro?

MHB: Ele não gerou grandes discussões na França, as pessoas falam raramente desses livros. Ao menos muitas pessoas que eu conheço em Paris, eu sei que o leram mas não falam sobre ele. Ou então, há pessoas que eu não conheço e que me contatam por Internet, eu as encontro, e elas me contam como a leitura dele mudou suas vidas. É o mais comum. Além disso, há uma espécie de postura anti-intelectualista no meio ativista queer, que me vê com receio como "a intellectual". O que é contraditório, porque elas também querem estar na universidade. Mas não houve debate em torno de meus livros.

VKF: Em relação aos três livros da série *Queer zones*?

MHB: Sim, aos três.

MPG: Quais as diferenças e qual a ligação entre *Queer zones 1*, 2 e 3? Sabemos que a questão pós-pornô é central no seu trabalho. Você pensa que há transformações importantes em seu pensamento, ou você mantém o mesmo argumento para os três livros? Como você define o pós-pornô e por que você o vê como tão importante para o seu trabalho e para a teoria queer? Você considera que seu trabalho intelectual é mais de refletir sobre o que se faz no campo pós-pornô ou é também o de produzir teorias que possam gerar novas representações nesse campo?

MHB: Um pouco das duas coisas, na verdade. Eu não tinha a consciência de fazer isso quando comecei a me envolver com o pós-pornô; era mais um acontecimento político, desencadeado pela censura na França de *Baise-moi*, o filme de Virginie Despentes.⁵ O que eu sabia é que, quando comecei a trabalhar sobre o pornô, eu estava interessada pelo pornô feminista – que eu conhecia de cor – e pelo pornô lésbico. Além disso, penso que naquela época, talvez, o pornô, para mim, já era o que se encontrava hoje no pós-pornô: toda a cultura pró-sexo, das lésbicas, dos drag kings, das trans também. Mesmo porque havia uma concentração de coisas no interior dessas subculturas, para onde tudo convergia, ou seja, em direção à sexualidade, ao *gender of king*, aos drag kings e depois aos FTM (female-to-male) que estavam aparecendo. Nós começamos a socializar com as trans, a ter as novas *stores* sexuais. A teoria queer tenta recuperar tudo isso e fazer com que as

⁵Lançado em 2000. O trailer do filme pode ser acessado através do link: <http://vimeo.com/33348617>.

trans sejam uma espécie de fetiche porque em tese não atendem à binariedade, mesmo que as coisas não se passem exatamente assim na realidade. O que eu escrevi sobre o pós-pornô é também alguma coisa da qual as lésbicas precisavam, ou seja, eu estou muito contente que possamos ser “queer”, e não somente “lésbicas”, porque para mim a cultura lésbica é muito negativa, ontologicamente negativa. É alguma coisa que vai pelo caminho da “falta”, do silêncio, da proteção. É por isso que o pornô lésbico foi importante, porque era preciso superar essa história de que as lésbicas aparecem somente objetivadas em pornôs *straights*. E essa superação foi construída, eu penso, com a cultura que eu chamo pró-sexo, com a cultura queer e também com o SM (sadomasoquismo); as pessoas que tinham relações sexuais meio que coletivas. Então, quando *Baise-moi* foi lançado houve essa enorme reação à censura, que seguiu a uma censura anterior, de um filme queer. De repente, tudo isso é agenciado a partir da ideia de que a pornografia é alguma coisa muito ampla e há um momento em que nós nos damos conta de que a pornografia tem um padrão inaceitável, é naturalizante. Nós fizemos então uma crítica muito forte da heterossexualidade que havia na pornografia, estávamos cheias daquele pornô e nós nos dissemos “é preciso fazer outro pornô”, sabendo que era complicado usar essa categoria. Por isso, nós falamos em pós-pornô, como se dizia pós-moderno e pós-colonial, mas hoje eu sou bem mais crítica em relação a esse “pós”.

É em meio a esse contexto que minhas reflexões sobre pós-pornô apareceram e é disso que trata o primeiro capítulo de *Queer zones 1*. Sentíamos que era preciso fazer algo sobre, mesmo que fosse teórico. Além disso, não sabíamos como fazer na prática. Já havia, sem dúvida, práticas que eram correspondentes. É o que vimos com os grupos que funcionaram em Barcelona após a Maratona Pós-Pornô, como é o caso do Post-Op⁶, eles retomaram os dildos, os acessórios SM que deveriam sensibilizar também no sentido de ressexualizar as lésbicas. É isso que fez a cultura anglófona ou americana. Bem, eu vivi tudo isso nesses termos, foi assim que tudo se passou. Nos sex shops podíamos comprar várias coisas, muitas ligadas ao SM, com todos os acessórios. É isso que se passa no pós-pornô: a desnaturalização do pau, aparece o dílido, é por lá que tudo isso chega. É por isso que os filmes como *Baise-moi* e o pró-sexo são, para mim, super coerentes. Em todo caso, é a minha caminhada, é como eu cheguei a formular alguma coisa de pós-pornô. Esse é o primeiro elemento.

Além disso, bem, eu não sou cineasta. Eventualmente sou perguntada por que eu não fiz filmes pós-pornô. Sim eu poderia fazê-lo. Mas eu sou a primeira a ficar contente vendo que o pós-pornô funciona, que isso pode ser uma ramificação do pornô-ativismo e que pode ser mesmo uma maneira de ocupar o espaço público – como vemos na Espanha –, ou uma maneira de se fazer ateliers. Finalmente, a produção é muito

⁶ Disponível em: <http://postop-postporno.tumblr.com/>

diferente, por exemplo, do pornô queer ou feminista lésbico trans anglo-saxão, que vão construir, de algum modo, um modelo da pequena empresa, que funciona assim: lançam um *queer porn* pelo qual é preciso pagar, o que é normal porque querem ganhar um pouco sobre a produção. É verdade que eles fazem ótimos pornôs, super honestos, super cuidadosos, eu não tenho problema com isso, mas seu modelo é, de todo modo, a indústria pornô.

Então, tudo isso para dizer que o pós-pornô não trabalha nessas bases e são coletivos de trocas tranquilas. Eu não sei por que tudo isso deu certo, eu vejo hoje que funciona, e eu aproveito um pouco o que as pessoas fazem. Apenas agora eu fiquei sabendo que há bastante pós-pornô na América Latina, e no Brasil, e meu interesse é de fazer coisas com as pessoas que fazem coisas. Foi assim com o Post-Op, um trabalho conjunto. Normalmente eu não trabalho sozinha, eu trabalho com outras pessoas. Meu último escrito é uma genealogia, e uma das razões de o ser é que me pediram que eu fizesse isso. Mas também porque, em relação ao queer, há certo número de diferenças entre a Europa e os Estados Unidos. Finalmente, eu não me considero uma teórica. Eu estou muito satisfeita por ter usado esse termo, que finalmente é útil. As coisas que se passam na Itália, por exemplo, não são teóricas. E eu sou a primeira a ficar espantada ao saber que há ativismo pós-pornô na Itália.

VKF: E por que o pós-pornô? Qual a importância que teve o pós-pornô para pensar o feminismo e as relações de gênero?

MHB: Como eu dizia, quando você traz o pós-pornô, você traz de pronto todo tipo de desestruturação de gênero, de feminismo pró-sexo, todos esses tipos de repositionamentos. Além disso, vemos bem, nos países onde há uma cultura pós-pornô, que a relação entre trabalhadoras do sexo é inevitavelmente positiva. O que não há no pós-pornô é toda a questão da raça. Honestamente, o pós-pornô desse ponto de vista está mais próximo do feminismo pró-sexo, daquilo que se desenvolve no transfeminismo, então eu diria que não é um potencial tão novo assim. Em dado momento chamamos isso de feminismo queer também. A relação que temos com as trans, por exemplo, o corpo trans. Eu penso que é um feminismo que explorou muito a masculinidade, e isso é uma grande diferença com o feminismo identificado *femme*, ou aqueles que são ainda anteriores.

MPG: Nesse sentido, foi você quem criou essa articulação entre masculinidade, feminismo pós-pornô, lesbianidade com os ateliers *drag king*? Sabemos que os ateliers *drag kings* são centrais no que você tem pensado.

MHB: Isso vai e vem. Há muito tempo já que eu não o fazia. Eu tinha a tendência a fazê-lo mais no espaço universitário, porque a França não é um país de ateliers. Os ateliers *drag kings* são,

para mim, ligados a todos os ateliers feministas dos anos 1970, os ateliers de masturbação, feitos para falar de sexualidade, de violência. Na França, somos um pouco desconectadas do corpo, somos bastante teóricas, então os ateliers não funcionam bem. Na Espanha, há ateliers, mas na França não há muitos. Eu fui a primeira a sentir falta quando voltei à França, depois de morar na Inglaterra, porque, para mim, era uma prática corriqueira dos fins de semana. E eu me lembro do bar queer em Paris, *La Mutinerie*, onde organizamos alguns ateliers. Mas, na verdade, eu me cансo de fazer ateliers todo tempo, afinal eu adoraria ser consumidora deles. Mas sim, é importante fazê-los.

MPG: Quando foi a primeira vez que você fez um atelier?

MHB: É uma boa questão. Quando eu fui a Londres, em 1996, e lá as pessoas já tomavam testosterona, tinham barba etc., nos festivais eu vi pela primeira vez as competições *drag king*. Então, o primeiro atelier *drag king* que eu fiz foi em Londres. Mas eu não o vivi como um atelier, eu o vivi como... a primeira vez que eu vi uma garota com pelos. Houve um momento de resistência de minha parte, mas dois minutos depois eu já estava envolvida. Nós vivíamos aquilo. O problema é que na França fazemos um atelier e em seguida todo mundo se separa. É preciso ser “sério” e coisas desse tipo. Na Itália é diferente, na Espanha é diferente; normalmente, o atelier faz parte da vida. O atelier que fizemos em Bolonha foi formidável! Já o atelier que fizemos aqui em Florianópolis foi muito diferente. E o que vamos fazer em Maringá será diferente também. Além disso, há um aspecto escolar nos ateliers que fazemos na França. Agora eu tenho dois novos ateliers pra serem feitos na *La Mutinerie*. Sim, isso gera coisas muito interessantes e, em todo caso, o que me interessa mais nos ateliers *drag kings* é a dimensão sexual, porque o fato de ver alguém que carrega uma barba gera uma excitação sexual, é isso que me dá vontade e, bom, é isso que me interessa. Eu gosto ainda mais quando ele degenera um pouco, que o lado sexual do atelier esteja presente.

É uma prática que nos chegou de New York. Creio que meu primeiro *drag king* é Shelley Mars, que interpreta Martin, que faz *strip teases* num bar lésbico num filme de Monika Treut chamado *Virgin machine*⁷. E não é por acaso que ele foi organizado também por Nan Kinney e Deborah Sundhal, pois foram elas que fizeram os primeiros filmes lésbicos, atualmente moram em Santa Fé e continuam com os filmes queer. Elas fizeram a revista *On our backs* para se opor a *Off our backs* – que era um feminismo antiestupro e que se ocupava somente disso no plano da sexualidade. Para mim, a personagem Martin do filme de Monika Treut é o *drag king* por excelência. Porque ele faz, ao mesmo tempo, a performance da masculinidade machão de Martin, com uma banana – ele é mesmo meio babaca – e faz também o *strip tease* da feminilidade no filme.

⁷Trechos do filme estão disponíveis em: <http://www.youtube.com/watch?v=EC8vyVcSqsc>.

Há toda essa mistura, muito ligada às práticas SM, é um concentrado do que nos legou a Costa Oeste dos Estados Unidos em termos de sexualidade e de gênero. Tudo isso está no pós-pornô, pois as práticas que nós vemos no pós-pornô, inclusive na Espanha, vêm de lá. O pós-pornô que é o mais “inesperado” é o pós-pornô de pessoas *straight*, na verdade, que podem se considerar como *queer*. Assistímos a um filme do gênero outro dia que não nos falava muito, porque repete sempre a mesma atuação, atrelada aos papéis masculinos, aos homens héteros nas relações sexuais etc. Isso não diz muito pra nós, mas ao mesmo tempo é interessante porque há uma parte do pós-pornô que é assim. Além disso, havia alguma coisa que era mais europeia, mais deleuziana, refere-se ao fato de que em todos esses filmes todas as partes do corpo podem se tornar zonas erógenas ou eróticas, de acordo com as maneiras de se filmar. É como se houvesse outros órgãos. Isso não vem dos Estados Unidos, é muito mais comunitário e há regras. É por isso também que é uma cultura forte que resultou, num dado momento, na cultura da trans, do FTM, do ser lésbica SM, e isso trazia uma cultura também do *fisting*, da maneira de fazer o sexo que nós não conhecíamos, não na França, que não é europeia.

VKF: Você dizia há alguns dias, quando conversávamos sobre sexualidade e deficiência, que o pós-pornô tem como princípio preencher brechas que não são exploradas no pornô comercial.

MHB: E de transformar esses filmes, pois há pessoas com deficiência nos filmes pornô *mainstream*, mas elas são completamente objetivadas.

VKF: Então o pós-pornô é uma possibilidade de trabalhar com as interseccionalidades que não são necessariamente contempladas na teoria *queer*.

MHB: Isso depende, porque a teoria *queer* e a *crip theory* são muito próximas, atualmente.

VKF: As questões ligadas à raça, por exemplo, são questões importantes também.

MHB: Bem, quando você diz interseccionalidade – em todo caso, é assim que utilizamos – é para partir em direção à raça e à etnicidade. Eu penso que isso será tratado aqui, talvez, mas eu percebo que na Europa não o é. Um dos problemas da teoria *queer*, das coisas *queer*, mesmo das apropriações *queer* europeias, é que se trata de uma coisa de brancos. É lá a teoria é uma coisa de gente que tem acesso à universidade. Então, sobre a raça, eu diria que não trabalhei o suficiente, e sabemos que a pornografia *mainstream* investiu muito na raça.

VKF: Então você quer dizer que a teoria *queer* não levou em consideração outras teorias marginalizadas, como os estudos pós-coloniais, por exemplo.

MHB: Eles são brancos o tempo todo, sobretudo com o pós-pornô. Na verdade, a teoria queer e o pós-pornô, finalmente – e é por isso que o pós-pornô é importante para mim –, são das raras coisas que fizemos na França e fora do campo estadunidense, porque a teoria queer rapidamente se distanciou do corpo, com as teorias da década de 1990 – Judith Butler, Teresa De Lauretis e por aí vai –, mas, em seguida, a sexualidade foi infelizmente deixada de lado. Gayle Rubin é de fato a referência, ao menos tão ou mais importante que Butler, quando falamos em SM. Porque não se aprende nada com Butler em termos de sexualidade, essa é uma questão completamente ausente.

MPG: Fale um pouco mais sobre a sua concepção de sexualidade, quando você diz que ela é muito importante na teoria pró-sexo e pós-pornô. A sexualidade enquanto prática sexual? Porque, como você dizia em outro momento, na psicanálise a sexualidade é uma ideia bastante abstrata na composição do sujeito. E se pensamos em termos foucaultianos, a sexualidade é sobretudo um dispositivo de assujeitamento e de cuidado de si. Qual seria, então, sua visão sobre a sexualidade, o que você comprehende como sexualidade?

MHB: Se eu falo do SM, é porque ele é ligado ao gênero e porque existe essa história de que o gênero e o SM trabalham sobre o poder, o que levará a uma renovação das práticas sexuais entre as lésbicas, e é isso que me interessa. E aí nós estamos nas questões de práticas sexuais, mas, para mim, a sexualidade é algo muito amplo, vai mais no sentido de uma cultura.

MPG: Mas de que modo a renovação das práticas sexuais a interessam? Pelo fato de, por exemplo, ter-se uma vasta coleção de novas práticas?

MHB: Sim, é isso. De saber como novas práticas sexuais aparecem e também de visibilizar práticas sexuais lésbicas, porque eu me lembro de, em algum momento, me questionar se a penetração era algo praticado ou proibido. Se nos dedicarmos à história das práticas sexuais lésbicas, surge a questão da penetração e do dílido. Há não muito tempo, estávamos numa fase em que nenhuma lésbica manifestava que havia praticado a penetração. Acontecia de algumas lésbicas demonstrarem surpresa em sessões de apresentação em que essa prática era assim revelada, “sim, tá aí, eu usei um dílido”, ao passo que agora ele é muito usado. Para mim, o interessante é ver como o dílido passou a ser usado, com uma significação política, cultural etc. E isso é coletivo, e não pode acontecer se privatizamos a sexualidade.

E essa é minha crítica à psicanálise: uma superprivatização, ao mesmo tempo, da sexualidade e do discurso sobre a sexualidade. Por exemplo, eu pude ter práticas sexuais que só se tornaram possíveis sendo eu codificada como viado.⁸ Especial-

⁸ Do francês *pédé*.

mente as práticas sexuais anais, elas são completamente investidas com um significante da subcultura viada [subculture pédé]. Eu posso ser super passiva analmente, e isso acontece porque eu me vejo como um viado. Dando meu cu como um viado. Então essa é uma coisa que eu aprendo com os viados. Então minha sexualidade varia em função das pessoas com quem eu me relaciono intelectual, politicamente etc. E eu percebi que, além disso, como nós tínhamos um discurso sobre o buraco do cu, era importante investirmos nas práticas anais viadas. E aí eu me sinto confortável, mas eu não poderia jamais me visualizar numa prática anal heterossexual. Mas eu posso ter interações性uais com viados. Isso quer dizer que partes do meu corpo são ressignificadas em função do trabalho militante, político e mesmo da teoria. Por isso é difícil para mim separar, e eu não quero separar teoria e o que eu vivo, pois se eu faço teoria é porque ela ajuda a mudar minha vida e meu corpo e vice-versa, oras. E é por isso que eu tenho necessidade de subculturas ou coletividades, de um coletivo que seja, ao mesmo tempo, pensamento, prática, tudo isso. Não temos sempre o tempo que gostaríamos, mas quando temos, em geral, isso ajuda a pensar.

VKF: Se eu estiver sendo suficientemente preciso sobre o modo como você se expressa, você fala sempre de relações性uais com viados, com lésbicas, e não com homens e mulheres.

MHB: Jamais.

VKF: E isso é algo importante na tua obra, eu penso, sobre o qual você insiste muito. Em outra ocasião, você dizia que se uma mulher *butch* sente-se atraída por outra mulher *butch*, ela está atraída pela masculinidade daquela mulher.

MHB: Sim, esse é meu caso. Eu me sinto atraída pela masculinidade, na verdade.

VKF: Eu gostaria que você falasse um pouco mais sobre esse deslocamento das relações entre sexos para as relações entre gêneros, no plano da sexualidade.

MHB: Há, ao mesmo tempo, a teoria que está disponível para pensar tudo isso, sobre como deixar a diferença sexual, ela se realiza, mas eu insisto na ideia de que são as subculturas que impulsionam as coisas. Eu pensava ainda outro dia, depois de um seminário em que discutimos Butler e suas ideias: “francamente, será que *Problemas de gênero*⁹ existiriam sem as subculturas?” É muito mais nesse sentido, é preciso que a gente se questione a esse respeito. Se as *drag queens* não existissem, *Problemas de gênero* não existiriam.

Ok, eu poderia ter meu momento pessoal de prazer vendendo Foucault, mas de repente nós temos uma aliança improvável com Wittig que, evidentemente, para mim é um verdadeiro gozo intelectual e mesmo político. Mas o mais forte, e eu penso que há

⁹ Judith BUTLER, 2003.

um mudança de rota mesmo, é ver que o paradigma de Butler era a *drag queen*. Não é pouco dizer, no espaço universitário, inclusive anglo-saxão e estadunidense, que o modelo é a *drag queen*. É uma verdadeira vitória, eu acho. Se não uma vitória talvez, pelo menos uma reviravolta em tudo. Aí você já tem toda essa desconexão em relação à diferença sexual com a *drag queen*: ela está completamente em discordância entre o biológico e o gênero. Além disso, a desidentificação com a mulher não é tanto da cultura *drag queen*, é da cultura feminista lésbica e, a partir disso, é também uma maneira de trabalhar não só tua parte masculina do gênero, mas o fato de que entre as lésbicas é recorrente uma clara identificação de gênero masculino. Você vê isso com as *butchs* e, aparentemente, o termo existe desde os anos 1930 nos Estados Unidos. Portanto, faz tempo que as lésbicas não são “mulheres que treparam com mulheres”.

Além disso, o segundo ponto importante para mim é a maneira como geramos uma relação com a identidade quando traduzimos politicamente o que era o *queer*. Nós tomamos a decisão de nos opormos às posturas anti-identitárias e pós-estruturalistas de Butler ou Sedgwick, por exemplo, que tinham um discurso verdadeiramente anti-identitário francês, como era o de Deleuze, onde o bom homossexual é o molecular, não o molar, porque o molar é identitário. Ou mesmo Guatari, que se colocava contra práticas que ele julgava identitárias. Nós nos colocamos em contraponto a essa postura, mas não fazemos isso sem explorar diversos recursos – e aí eu retorno a sua questão sobre a desidentificação com as mulheres e, conversamos um pouco outro dia, sobre a nação. Eu penso que devemos trabalhar sobre essa tarefa de se desidentificar de sua nação. Num momento dado, o Estado-nação tornou-se necessariamente “sou eu quem decide se você se torna francês”, “mas não, por quê?”. Não cabe ao Estado decidir, você poderia muito bem dizer “não, sou eu quem decide quem é meu amigo quem vai compartilhar da minha nacionalidade”. A França pertence a mim tanto quanto a você!

Eu creio que há muitos recursos na desidentificação, mas não é “pós”. Nós nos enganamos com o pós-pornô, porque era preciso dizer outra coisa, mas não é muito dialético, são tensões identitárias. É a mesma coisa com a ebulição de práticas sexuais, pois em dado momento tem-se as lésbicas que são *butch*, mas que são excluídas pelas trans e que se dizem “Mas, peraí, eu sou *butch*, mas eu sou trans também”. Então isso gera todo um repertório de masculinidades que vai também reinventar o corpo. Falamos muito das lésbicas *butch*, mas e os trans FTM? E a tecnologia e a produção corporal deles era o quê? Ainda, os FTM são, seguidamente, os mais dependentes da binariedade, são os mais presos ao discurso de “eu estou prisioneiro de um corpo de homem etc.” Então por que os FTM correram com as lésbicas? Eram feministas, lésbicas feministas. E elas, em dado

momento, disseram "ah, os médicos, atenção!". Havia toda uma cultura em relação ao aborto, que trabalhou sobre a prevenção, a gestão da reprodução, eram feministas. Naquele momento, servia às feministas. Diziam "mas você vai fazer o quê, aqui?". E as resistências à questão estética aparecem muito rapidamente e são regidas por um quadro de análise feminista.

De todo modo, pessoas que diziam, nos fins dos anos 1990, "não preciso de um pau para ser um homem", mostraram para mim um dos grandes enunciados do século XX! É preciso fazer isso, finalmente. É realmente verdade. E não porque exista o dílido, porque o dílido não tem nada a ver com o pau, penso eu. Há quem queira que essa relação exista, mas se essas pessoas querem confundir o dílido e o pau, é um problema deles. Tudo isso pra dizer que há muitos trans que dizem "eu sou um cara com uma vagina". E a verdade é que todas as sapatões correm atrás dos transboys. As butch's, ninguém deseja. Bom, elas eram "a melhor masculinidade para as lésbicas" e tudo isso. Porém não havia a cultura do corpo, era muito mais a cultura do fechamento, de se esconder, de não dar as mãos, como o é ainda. Os trans constroem seu corpo a partir de critérios ligados, às vezes, ao corpo branco, machão e coisas do tipo, mas eles têm uma cultura do corpo e também reinventaram as práticas sexuais. Afinal é bom dizer gênero e diferença sexual, mas, além disso, não é o orgânico, há o corpo com os orifícios, com o que se faz com os orifícios.

VKF: A consequência da desidentificação é, portanto, pôr no plural a palavra gênero(s).

MHB: Sim. E das práticas sexuais também, porque elas geram um monte de registros ao mesmo tempo.

VKF: A esse respeito, eu gostaria de voltar à Joan Scott, no seu artigo *Gênero como categoria útil de análise histórica*. Pensando a discussão de Scott em relação ao que você nos traz sobre o uso do termo gêneros, no plural, eu pergunto se você acha que a palavra gênero continua sendo um termo útil de análise histórica.

MHB: Sim, mas a ideia da época é do gênero como construção cultural e social, e essa é uma distinção eminentemente ruim. Vemos alguns usos que têm a tendência de biologizar o sexo, e o sexo vem duplicar o gênero nessa definição.

VKF: Sim, mas continuamos utilizando a mesma palavra, de todo modo. Há uma transformação, mas o termo gênero é o mesmo.

MHB: Eu não acho que nós colocamos no termo gênero a mesma coisa que Joan Scott. Nós utilizamos também sexo. Não sexo no sentido somente de sexualidade, mas o sexo dito biológico. Utilizamos ainda corpo, porque esse é o problema de gênero, ele é excessivamente discursivo.

¹⁰ BOURCIER, 2012.

Daniela Novelli (DN): Mas toda essa performance sobre a qual você nos falou até aqui é ligada à política das diferenças que você traz no seu livro *Comprendre le féminisme*¹⁰. É isso a política, é isso fazer a política das diferenças?

MHB: É ambíguo o termo de diferença, sobretudo no contexto francês, mas a questão das políticas das diferenças foi formulada com a teoria queer anglo-saxã, com Teresa de Lauretis quando teve todo o problema com os queers of color. É interessante dizer que é preciso fazer a política das diferenças, mas como vamos fazê-la é outra questão. Em *Comprendre le féminisme*, eu digo isso, porque é uma obra destinada ao contexto francês e eu acho bom enfatizar a política das diferenças. Mas sabemos que é um pouco mais complicado.

DN: Não é um feminismo universalista, nem de igualdade.

MHB: Não, não, não. O feminismo de igualdade é, de pronto, enrijecido, reifica a diferença sexual e se fixa nas desigualdades homens-mulheres, então isso define a agenda que em seguida serve de modelo para as discriminações contra lésbicas, homos e trans – e essa é uma sequência que deveríamos tentar deslinearizar. Ainda, é um feminismo reformista, e quando falamos com as feministas universalistas ou reformistas, verificamos um problema que não lhes agrada muito: as pessoas que têm um gênero desconectado do sexo biológico, como os homens grávidos, por exemplo. Para elas, essas pessoas são mesmo alienígenas, eu penso. Mesmo as putas. Eu diria, então, que, nesse caso, elas vão pela distinção mais restritiva de gênero, na qual gênero é igual à mulher, e utilizam esse tipo feminismo. Não obstante, eu penso que o feminismo é justamente a antípoda dessas ideias.

VKF: Entretanto, vemos atualmente aqui militantes que possuem uma visão realmente transfóbica, que dizem coisas como “a travesti é um estuprador em potencial”.

MHB: Eu acho que é a ideia justamente de feministas que são essencialistas, ou de feministas *straight*. Eu vejo, por exemplo, como se passam as coisas na comissão feminista da *Europe-Écologie Les Verts*. Há uma pessoa na comissão que se ocupa do diálogo com o Strass, o sindicato de putas na França, que é um rapaz trabalhador do sexo, feminista, e naquela comissão, uma vez que se tem um trans ou um trabalhador do sexo, é esse tipo discurso que aparece. Com essa ideia de que são homens, então são homens que vêm para invadir, ou de que se trata de uma falsa mulher. É essa a ideia. Até o momento, não houve nenhuma FTM na comissão, mas é preciso. O dia em que chegar um *transman* ou um *transboy* ou um trans-homen veremos como as coisas se passarão. É assim porque elas têm uma visão extremamente conservadora de gênero. De sexo, finalmente. Elas utilizam o termo gênero sem nenhuma necessidade, porque

para elas é apenas homens e mulheres. Deveríamos proibi-las de usar esse termo gênero.

VKF: E como você vê a relação entre os estudos queer e o feminismo, hoje?

MHB: Isso depende se você fala dos estudos queer universitários e do feminismo como movimento, porque há tantos feminismos quanto *studies*. Logicamente que nos estudos queer há um feminismo que lhe é completamente integrado. Para mim, a teoria queer é feminista! Há o problema de algumas pessoas defenderem que o queer não é feminista. Podemos repreender a teoria feminista por investir excessivamente no gênero, origem da crítica a Butler, mas o gênero é uma das principais entradas ou categorias de análise ou uma das ferramentas para o feminismo. A teoria queer não é parte dos gays *studies*, hein!

VKF: E isso tem o efeito de ampliar o debate sobre o sujeito do feminismo. Quem é o sujeito do feminismo, então?

MHB: Isso muda completamente. Não é simplesmente uma questão de ampliar o debate, senão você fala numa ideologia que é inclusiva, dizendo “bom, todas somos mulheres”. Não, há uma clivagem, porque em algum momento você diz que não pode ser um sujeito branco, por exemplo. Você o diz claramente. Ou o sujeito não pode ser a mulher identificada mulher, com o sexo biológico mulher. Você o diz claramente. Isso representa um verdadeiro desencaixe, estejamos nós de acordo ou não. E em seguida você diz “o objetivo do feminismo não é a mulher” e você desencaixa de novo. Qual é então? E você pode dizer que estou botando o dedo numa ferida, pois é assustador que não consigamos responder a isso, mas é preciso reconhecer que há pessoas, inclusive entre os queer of colors, para quem, talvez, a categoria de reflexão, ou a entrada principal, não será a opressão de gênero, será antes a classe ou a raça, evidentemente. Ou os dois, visto que raça e gênero são completamente ligados, completamente imbricados. Então, sim, isso muda muita coisa. O feminismo dos anos 1970 passou por esse problema com as *feminists of colors*, também na França. Houve um grande feminismo que foi esvaziado e acho que isso cria grandes problemas. Além disso, há de um lado os *studies*, e de outro lado os movimentos. E o feminismo é supercooptado pelas políticas públicas, pelas políticas supranacionais. Então é lá que você o vê, talvez, porque se trata de um feminismo eminentemente legislativo e que, no meu ponto de vista, não funciona muito bem pois eu não acho que as leis funcionem. Para as questões de igualdade, justiça salarial, veremos se talvez vai funcionar, mas para as trans eu acho que não funciona.

O que eu acho interessante no feminismo queer e no pós-pornô, também nas coisas queer, é que, desde que estou aqui em Florianópolis, eu vivo queer, eu como queer. Pude ver isso

claramente nesse fim de semana, quando fizemos o atelier *drag king*. E eu me lembro de que, quando cheguei aqui, eu ouvia de muitas pessoas coisas como “então, como é isso, a gente toma essas coisas anglo-saxãs, temos que traduzir o termo queer” etc., e eu me dizia “isso é uma coisa de louco”. Porque os intelectuais e acadêmicos, que são as pessoas que podem estar nesse atelier *drag king* – e eles têm ali realmente um tema de tese –, utilizam o termo queer para as músicas – e nós franceses não cantamos, enquanto que os brasileiros cantam o tempo todo – e todas as músicas que cantam são políticas. Então eu adoraria ver alguém chegar para fazer sua tese no Brasil e acabar louco, ou coisa parecida. Podemos dizer “sim, utilizamos o termo queer”, e ouvir alguém argumentar “pois é, mas é uma palavra inglesa, e não sei o que é”. E contra-argumentamos “Sim, sim, sim. E você sabe por que decidimos não traduzi-la, droga? Por que assim podemos criar pelo menos 80 mil sentidos. Se você quer traduzir, traduza! Nós não traduzimos”. E podemos dizer que todos nós sabemos o que termo inglês quer dizer.

MPG: Ele circula e fala de experiências que as pessoas vivem e que tem um lugar na vida delas. Não é exatamente a mesma experiência aqui, nos Estados Unidos e na França, ou em outro lugar, mas fala das experiências de sujeitos que querem estar fora da norma e que se reconhecem enquanto queer.

MHB: Ou mesmo um termo de resistência. É claro que em muitos lugares trata-se de um modo de vida, totalmente queer, onde há modelos de compartilhamento sexual, certas performatividades. O sexo semipúblico, ou mesmo no espaço doméstico, faz parte. Por isso que é bastante difícil falar sobre tudo isso, porque quando falo de sexualidade, falo disso tudo. É verdade que são modos de vida, finalmente, e é por isso que insisto sempre que ele vem das subculturas. O queer existia antes de Butler, na verdade.

E eu creio que há também certas clivagens, algo que a luta pelo casamento tem mostrado. Aqueles que lutam pelo direito ao casamento nos têm sido muito úteis, aliás. Vemos no caso da Costa Rica, os/as jovens que não querem ser tomados/as por uma agenda que se concentra somente no casamento. Antes todos/as eram obrigados a seguir esse caminho, e ter um bebê e se mudar para uma casa de idosos em seguida. Mas a pessoas já não querem, necessariamente, entrar nesse modelo e é essa força dos estudos queer: elas não pertencem a ninguém.

Referências

BOURCIER, Marie-Hélène. *Queer zones 1: politiques des identités sexuelles et des savoirs*. Paris: Balland, 2001. A versão eletrônica da terceira edição, publicada pela Editions Amsterdam, está disponível em: <http://univ-lille3.academia.edu/marieheleneBourcier>.

- _____. *Queer zones 2: sexpolitiques*. Paris: La Fabrique, 2005.
Disponível em: <http://univ-lille3.academia.edu/marieheleneBourcier>.
- _____. *Comprendre le féminisme*. Paris: Max Milo Editions, 2012.
Para a versão em espanhol: *Entender el feminismo*. Traducción del francés de Cristina Castellano. Jalisco, México: Ediciones de La Universidad de Guadalajara, Culagos, 2015.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

Tradução de
Vinicius Kauê Ferreira e Miriam Pilar Grossi